

## GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS GESEPE<sup>1</sup>

**Sirlene Mota Pinheiro da Silva**

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão – [psirlenemp@gmail.com](mailto:psirlenemp@gmail.com)

**Catarina de Cássia Moreira**

Discente do Curso de Pedagogia

Universidade Federal do Maranhão – [catherine.cassia@gmail.com](mailto:catherine.cassia@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho é resultante das discussões e experiências vivenciadas no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas – GESEPE da Universidade Federal do Maranhão, objetivando problematizar as relações de gênero e sexualidade no contexto escolar, utilizando-se como aporte para as discussões, principalmente, os estudos de Michel Foucault(1999) e Guacira Louro (1997), como forma de buscar alternativas para a desconstrução de mitos, tabus, preconceitos e discriminações sobre questões de gênero e da sexualidade. São apresentadas e problematizadas algumas das discussões e atividades realizadas pelo GESEPE em 2016, destacando que o grupo volta-se para o desenvolvimento de atividades de estudo, pesquisa e extensão articuladas à produção científica voltadas à educação sexual, às questões de gênero, diversidade sexual, estudos feministas, violência de gênero e a “cultura do estupro”, dentre outras.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Práticas Educativas.

### 1 PALAVRAS INICIAIS

Nas últimas décadas do século XX, as temáticas **gênero** e **sexualidade** têm suscitado várias pesquisas que apontam para a necessidade de reconstrução da prática pedagógica do/a profissional da educação. Mas, de que forma este/a profissional pode rever seus propósitos, seus valores e suas práticas constituídas ao longo da história de sua formação pessoal e profissional? As políticas públicas voltadas para a formação e prática do/a professor/a têm se preocupado com essas questões? Quais as contribuições dos Grupos de Estudos e Pesquisas sobre as temáticas nas práticas educativas nas escolas?

Consideramos que, de modo geral, a escola e os/as profissionais da educação estão pouco preparados/as para lidar com a diversidade de gênero e sexual. É importante considerar sua transversalidade nas Políticas Públicas educacionais, pois estão implicadas em relações de poder, desigualdades, hierarquizações, construção de sujeitos, corpos e identidades nas mais variadas expressões. Apesar de toda a complexidade, as Políticas Públicas, não davam a devida atenção às questões relativas ao gênero e à sexualidade em suas proposições para os sistemas de ensino e para o processo educativo cotidiano das relações escolares.

<sup>1</sup> Relato de Experiências, fruto das discussões realizadas no primeiro semestre de 2016 no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas – GESEPE da Universidade Federal do Maranhão -UFMA.

Entendemos a escola como um espaço sócio cultural em que as diferentes identidades se encontram e se modelam, caracterizando-se, portanto, como um dos lugares mais importantes para se educar com vias ao respeito à diferença. Logo, o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE) se constitui como uma alternativa para contribuir na formação de professores/as, para que os/as mesmos/as saibam trabalhar com seus alunos e alunas tais temáticas em suas variadas formas e transversalmente.

Nesse sentido, o presente artigo se propõe a discutir algumas das bases conceituais dos estudos de gênero e da sexualidade como forma de problematizar os preconceitos e discriminações sobre tais questões na escola e na sociedade, buscando-se refletir sobre a educação sexual em ambientes escolares, como forma de buscar alternativas para a desconstrução de mitos, tabus, preconceitos e discriminações sobre questões de gênero e da sexualidade.

O GESEPE objetiva ampliar a discussão sobre as relações de gênero e questões da sexualidade no Maranhão. Com isso, espera-se que as pesquisas propostas contribuam com os estudos de gênero e da sexualidade, no cenário local e nacional, mobilizando docentes, que atuam com crianças e jovens na consolidação do debate, onde a temática seja premissa constitutiva. Assim, considera-se a escola como um dos espaços adequados para tal (SILVA, 2016).

## **2 GÊNERO E SEXUALIDADE: BREVE HISTÓRICO DOS CONCEITOS**

A categoria gênero foi desenvolvida pelas teóricas do feminismo contemporâneo sob a perspectiva de compreender e responder, dentro de parâmetros científicos, a situação de desigualdade entre os sexos e como esta situação opera na realidade e interfere no conjunto das relações sociais. A sexualidade compreende mudanças no modo pelo qual somos levados a dar sentido e valor a nossa conduta, desejos, sentimentos, prazeres, sensações, medos e sonhos. Pois os corpos são sexuados, possuem características e seguem leis de funcionamento biológico, porém a construção da sexualidade é um processo complexo que envolve aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais, e seu significado contém relações de poder.

Nas últimas décadas do século XX, as questões de **gênero** e **sexualidade** têm suscitado várias pesquisas que apontam para a necessidade de reconstrução da prática pedagógica do/a profissional da educação. Essas questões foram materializadas nas Políticas Educacionais brasileiras, especialmente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96, e da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), uma das referências para o Ensino Fundamental. Dentre os volumes, temos os Temas Transversais: Ética,

Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual<sup>2</sup>. Neste último, os temas sexualidade e gênero são explorados (BRASIL, 2000). Além dos PCN's, na área da Educação, a implementação de ações com vistas à promoção da equidade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual e o enfrentamento ao sexismo e à homofobia encontra respaldo nas propostas de ações governamentais relativas à educação, no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), e no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006) gestados a partir de lutas e transformações que receberam maior impulso desde a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Falar em relações de gênero e sexualidade é falar em relações de poder, logo o conceito de gênero ao ser estabelecido contém um conjunto objetivo de referências, estrutura da percepção e da organização concreta e simbólica de toda a vida social. De acordo com Foucault (1999), o termo **poder** não deve ser entendido de forma unitária, estável, mas sim como **relações de poder** que supõem condições históricas, que implicam múltiplos efeitos, no qual se cruzam às práticas, os saberes e as instituições. São dimensões que integram a identidade pessoal de cada indivíduo, entretanto são originadas, afetadas e transformadas pelo modo como os valores sociais, sistematizados em códigos culturais organizam a vida coletiva em diversas sociedades e momentos históricos.

O conceito de gênero, para Scott (1995, p. 86) refere-se tanto as ideias quanto as palavras e tem sua dinâmica e conjuntura histórica. Ela assinala a atual tendência das feministas em empregar o termo “gênero” de modo mais rigoroso com referência à organização social e à relação entre os sexos, destacando que gênero é um “elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, não se referindo apenas às ideias, mas também “[...] a uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Sobre o desenvolvimento da sexualidade e o trabalho com questões referentes à mesma no espaço escolar, ainda hoje, essas questões constituem-se em temas bastante instigantes e, por isso, muitos/as docentes recusam-se ou apresentam limitações em abordá-las na sala de aula, silenciando-se ou utilizando-se de “discursos de verdade”, construídos a partir de representações individuais e

---

<sup>2</sup> Embora este termo seja utilizado nos PCN's, no decorrer do estudo serão utilizados os termos “Educação Sexual, pois, desde a última década do século XX, tem havido ampla discussão sobre o termo “orientação sexual” e muitas linhas de pesquisa e debates o conceituam como uma natureza de identidade ou identificação sexual de gênero (identidade hetero, homo e bissexual). Atualmente, de acordo com a perspectiva teórica e histórica, utilizamos **Educação Sexual**.

coletivas, que acabam por contribuir com a banalização da sexualidade, com a legitimação de estereótipos sexistas, com a falta de criticidade em relação à temática, dentre outras construções. Com este entendimento, os grupos de estudos e pesquisas que discutem questões de gênero e da sexualidade, dentre eles o GESEPE, têm buscado alternativas para a desconstrução de tais preconceitos e discriminações, conforme apresentadas a seguir.

### **3 A EXPERIÊNCIA NO GESEPE EM 2016**

Ao iniciar as discussões do GESEPE, no mês de abril de 2016, foram realizadas reflexões sobre as relações de gênero e sexualidade, com ênfase no espaço escolar. Para isso, exibiu-se a primeira parte do curta metragem “Era uma vez outra Maria”. Ao término foi realizado uma discussão entre os presentes questionando-se: qual cena do vídeo mais chamou a atenção de vocês? Qual o papel do lápis no vídeo? Por que vocês acham que existem diferenças no tratamento de meninos e meninas? E alguns comentários acerca das características vistas como exclusivas de homens e mulheres que produzem desigualdades de gênero. Durante as discussões, foram enfatizados e problematizados o papel da família e da sociedade como reprodutora das diferenciações e estereótipos de gênero, impedindo, principalmente, que meninas e mulheres tenham atitudes vistas como “próprias” para seu sexo. No entanto, Maria, a protagonista do filme, passa a questionar este “papel” no mundo. Durante as discussões, foram apontadas alternativas para o rompimento das diferenças no tratamento de mulheres e homens na sociedade.

Em continuidade aos estudos e discussões, no mês de maio, foi feita a apresentação do livro *Gênero, Sexualidade e Educação* com uma pequena biografia de Guacira Lopes, evidenciando-se seu pioneirismo nos estudos de gênero no Brasil, e destacando-se que o livro escolhido para o estudo é fruto das discussões do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE) fundando em 1990. Ao iniciar as discussões sobre o primeiro capítulo do livro intitulado de “A emergência do gênero” (p. 14) foi evidenciando a importância do movimento feminista e a posterior ocupação dos espaços pela mulher, comentando-se sobre a “pós modernidade” inserida no discurso do livro e à inspiração que Guacira Lopes obteve em Michel Foucault.

Pontuou-se o discurso biológico e religioso (fundamentalista) como mantenedor da submissão da mulher, ressaltando as construções e desconstruções de gênero e sexualidade na sociedade. Para Louro (1997, p. 35): “ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as

representações estão em constante mudança”. Assim, foram problematizadas algumas questões relacionadas aos movimentos feministas, bem como sobre o estabelecimento da fragilidade no que tange a masculinidade do homem hétero, branco, abastado e cisgênero, além de destacar a transexualidade e o estabelecimento da sexualidade de uma pessoa trans, separando-se assim a vivência e os conceitos de identidade de gênero e condição sexual e tratando as relações de poder entre o homem e a mulher que perpassam historicamente como relações desiguais.

Em outro encontro do Ciclo de Estudos, foram discutidos as “*Práticas educativas feministas, proposições e limites*” e “Uma epistemologia feminista e a dificuldade em se assumir pesquisadora e estudiosa feminista” do livro *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pós-estruturalista*, da autora Guacira Louro (1997). No momento foram pontuadas a separação de escolas por gênero, os reforços do machismo pela escola e instituições formais de ensino e sobre práticas educativas não-sexistas (onde o ensino pode ser um instrumento de desconstrução), sempre tendo em vista a articulação com temas e estudos transversais. No ensejo das discussões, que traz consigo a relação entre o padrão de pesquisa da ciência e o conceito de feminismo, foi também pontuada a dificuldade das mulheres feministas nos espaços de pesquisa e a possível quebra dos paradigmas tradicionais dos estudos científicos. Não se pode negar neste contexto, a evidencia da mulher como um todo, a mulher oriental, ocidental, negra, lésbica, trans, dentre outras.

No encontro do Ciclo de Estudos do GESEPE realizado no mês de julho de 2016, devido ao acontecimento, de repercussão nacional, sobre a jovem de 16 anos que foi estuprada por mais de 30 homens em maio de 2016 no Rio de Janeiro, sendo este um fato que suscitou diferentes reações e discussões em todo o país, das quais se destaca que uma parcela da sociedade se divertiu nas redes sociais com o caso, a inação de pessoas que culpam a própria vítima pelo ocorrido. Dentre piadas, omissões e revoltas, denominou-se este e outros casos semelhantes relacionados à “Cultura do estupro”, levantando-se questões como a naturalização do estupro na sociedade e os casos dentro de contextos próximos e reais do nosso cotidiano. No que tange ao tema, realizou-se a leitura, com posterior discussão, do texto de Sakamoto (2016, sp). O autor ressalta, dentre outras questões, que “vivemos em uma sociedade que garante que o estupro continue a ser um instrumento violento de poder, de dominação, de humilhação.

Uma sociedade na qual uma das maiores agressões ao corpo e à mente de outro ser humano é banalizada, menosprezada e tratada como piada. Uma sociedade em que mulheres ainda são

consideradas objetos descartáveis à disposição dos homens”<sup>3</sup>. Nas discussões do GESEPE foram problematizadas tais questões, enfatizando-se que a cultura de estupro, entendida como masculina, vem sendo derrubada pelos movimentos feministas ao longo do tempo. Mas, o rompimento com esta cultura tem encontrado dificuldades, especialmente porque encontra a resistência de muitos homens pelo caminho. Quando mulheres são estupradas, além de seus corpos e almas serem violentados, também violentam as dignidades de todas as mulheres, que coletivamente são negadas e agredidas. A sociedade falha na garantia de um dos direitos fundamentais da pessoa cidadã. E, muitas vezes isso acontece junto a discursos que louvam ou relativizam esses estupros.

Dessa forma, tais problematizações precisam estar presentes também nos espaços educativos, tanto da educação básica, em todos os níveis, quanto no ensino superior, principalmente nos cursos de formaç pois precisamos nos questionar que tipo de povo somos e em que sociedade queremos viver.

#### **4 ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES**

As instituições educacionais são espaços sócio culturais em que as diferentes identidades se encontram e se modelam, caracterizando-se, portanto, como um dos lugares mais importantes para se educar com vias ao respeito à diferença e à diversidade. Daí a importância do GESEPE, contribuindo na formação de professores/as para que saibam trabalhar com seus alunos e alunas tais temáticas em suas variadas formas.

Portanto, a partir das discussões e ações realização pelo GESEPE, vem sendo ampliadas as discussões sobre as relações de gênero e questões da sexualidade no Maranhão. Com isso, espera-se que os estudos e pesquisas propostos e desenvolvidas contribuam com os estudos de gênero e da sexualidade, no cenário local e nacional, mobilizando docentes, que atuam com crianças e jovens na consolidação do debate, onde a temática seja premissa constitutiva, pois consideramos a escola como um dos espaços adequados para tal.

#### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, DF: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres. II Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres. Brasília, 2008.

<sup>3</sup> Trecho extraído do texto disponível em:

<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/05/26/cultura-do-estupro-no-brasil-homem-de-que-lado-voce-esta/>. Acesso em 29 de maio de 2016.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995. Tradução de Guacira Louro).

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Projeto de estudos e pesquisas sobre gênero e sexualidade nas práticas educativas (GESEPE)**. São Luís: Departamento de Educação I – UFMA, 2016.

**Vídeo:**

Curta metragem: “era uma vez outra Maria”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6MEHILL1EZg> . Acesso em 25 de março de 2016.